

Tatiana Cardoso da Silva
Doutora e Mestre em Artes Cênicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora Adjunta do curso Graduação em Teatro: Licenciatura da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul. Diretora, atriz e pesquisadora. Líder do GESTA: grupo de pesquisa em Teatro e Educação (Uergs). Integrante da Rede Internacional de Estudos da Presença (UFRGS). Atriz do grupo internacional Ponte dos Ventos (Dinamarca). E-mail: tatiana-csilva@uergs.edu.br

Performar em solicitude: quando o ambiente vira corpo

Perform in solicitude: when the environment becomes a body

Resumo: A pesquisa "Compossíveis: quando o ambiente vira corpo" visou à criação de seres fictícios nascidos da relação do corpo do performer com outros seres da natureza. Tem como objetivo sensibilizar e colaborar para a proteção da vida do planeta. O que surge da mistura entre o corpo humano e o corpo de outro ser vivo? O exercício foi realizar o gesto da metamorfose e experimentar-se partícipe de Gaia. Os procedimentos se deram entre estudos teóricos, experimentações atorais junto à natureza, criação das videoperformances. Os principais autores que ampararam a pesquisa foram: Emanuele Coccia, Davi Kopenawa e Jerzy Grotowski. Trata-se de uma investigação interdisciplinar entre as áreas do Teatro, Educação, Meio Ambiente, Música e Artes Visuais. Como resultado produziram-se oito videoperformances que foram levadas ao público, estimulando-se, assim, colaborar com a conscientização para as causas ambientais, sobretudo através da Arte e da Educação.

Palavras-chave: Teatro; Educação; Meio ambiente; Videoperformance.

Abstract: *The research Compossíveis: when the environment becomes body inten-*

ded to create fictitious beings, born from the relationship between the performer's body and other beings of nature. It aims to raise awareness and collaborate for the protection of life on the planet. What arises from the mixture between the human body and the body of another living being? The exercise carried out the gesture of metamorphosis and experience oneself as a participant of Gaia. Procedures such as theoretical studies, actor experiments with nature and creation of videoperformances took place. The main authors who supported the research were: Emanuele Coccia, Davi Kopenawa and Jerzy Grotowski. It is an interdisciplinary investigation between the areas of Theater, Education, Environment, Music and Visual Arts. As a result, eight video performances were produced and presented to the public, aiming to assist in raising awareness of environmental causes, especially through Art and Education.

Keywords: theater; education; environment; videoperformance..

Ao pensarmos a *esperança como potência e prática de resistência*, tema tão desafiador para os dias de hoje, a primeira lembrança que nos chega, obviamente, é Paulo Freire (1992), quando evoca a ideia de esperança menos como uma espera e mais como um verbo: *esperançar*. Ou seja, a esperança como uma palavra ativa, que faz mover. É uma palavra que nos levanta, que ajuda a não desistir. Temos esperança porque sabemos exatamente por que lutamos, porque acreditamos que podemos alcançar algo que almejamos.

Assim como faz a buva¹, uma planta que aparece muito nas plantações de monocultura da soja, considerada erva daninha e por isso mesmo, muito combatida com o veneno dos agrotóxicos. Porque o *esperançar* da buva é trabalhar incessantemente pela continuidade da vida, vai pivoteando em meio ao veneno, aos tratores que compactam o solo e ao manejo destrutivo das lavouras de monocultura. Sua forte raiz pivotante vai girando e cavando um buraco na terra para buscar nutrientes e se firmar. Isso permite que a água penetre melhor, trazendo umidade e nutrientes para a terra devastada.

Além de resistente e forte, a buva está sendo estudada também como uma PANC, Planta Alimentícia Não Convencional, pois apresen-

[1] Conheci a buva através da fala de Aline Tertuliano, raizeira que trabalha com práticas e educação em saúde popular e saúde da mulher, pautadas em conhecimentos ancestrais e decoloniais, no canal do Selvagem: ciclo de estudos sobre a vida, no YouTube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Vq03jR7Ttes&t=967s>>. Acesso em: 20 nov. 2022.

ta muitas propriedades medicinais. Dentre outras funções, serve para auxiliar no tratamento de problemas gastrointestinais, dores em geral, inflamações, hemorragias, doenças venéreas, vermes e para aumentar a imunidade também. Para os grandes produtores do agronegócio, trata-se de uma erva daninha que precisa ser eliminada, mas para a vida do solo ou para nosso corpo. A buva é uma promessa de regeneração, que em seu esperar, insiste em lutar apesar de toda a adversidade.

Temos muito que aprender com ela, pois sabemos que nossa civilização vive, hoje, uma ameaça sem precedentes em termos de devastação e de perspectiva de extinção da nossa e tantas outras espécies. Danowski e Castro (2014), em seu livro *Há um mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins*, contam que, segundo alguns cientistas, estamos vivemos a era do Antropoceno. Era geológica na qual o homem se torna determinante na configuração do clima e da geologia da Terra. Ou seja, a vida do planeta muda drasticamente a partir da interferência nociva direta do homem.

Não é de hoje que sentimos na pele os efeitos do aquecimento global, da destruição do solo pelos agrotóxicos e pela monocultura, o empobrecimento da população causado pelas políticas que coadunam com práticas mercantilistas abusivas em um contexto econômico que não tem mais por onde explorar, causando sempre mais e mais destruição. Hoje vemos os recursos naturais do planeta cada vez mais ameaçados. A pandemia mundial de COVID-19, por exemplo, foi e ainda é somente mais um sintoma inegável da destruição que causamos ao planeta. Mas essa degradação não é algo que acontece somente fora de nós: os corpos humanos também estão adoecendo.

Alheios ao que nos cerca e nos compõe, enxergando o planeta apenas como recurso a ser explorado, aquilo que é mais íntimo nosso,

também se torna colonizado, como diz Pelbart, em *Biopoder* (2007, p. 57): “desde os genes, o corpo, a afetividade, o psiquismo, até a inteligência, a imaginação, a criatividade. [...] Até nossa subjetividade foi capturada pelos poderes”. Deveríamos parar de pensar em desenvolvimento e falar mais em envolvimento, mover o que for preciso para cuidar do planeta, da nossa sobrevivência e a sobrevivência dos seres não humanos.

Mas o que fazer? Ou melhor, com quem fazer?

Nós só existimos no planeta, porque estamos interligados a outras formas de vida, humanas e não humanas. Assim como a Hipótese Gaia, de James Lovelock (2020), que diz que a Terra é um superorganismo vivo, um sistema complexo, integrado e autorregulado. Nós estamos intimamente imbricados a todas as formas de vida, somos uma imensa compostagem, com seres que nascem, morrem e servem de alimento para outros seres que também seguirão o mesmo ciclo. As formas são diferentes, mas a vida é a mesma. Coccia (2020, p. 15), filósofo italiano, um dos nossos principais referenciais teóricos, em seu livro *Metamorfoses* diz:

Chamamos de metamorfose essa dupla evidência: cada ser vivo é em si mesmo uma pluralidade de formas, simultaneamente presentes e sucessivas, mas cada uma dessas formas não existe de maneira verdadeiramente autônoma, separada, pois cada qual se define em continuidade imediata com uma infinidade de outras antes e depois dela mesma. A metamorfose é, a um só tempo, a força que permite a todos os seres vivos espalharem-se simultânea e sucessivamente por várias formas e o sopro que permite às formas conectarem-se entre si, passarem de uma para outra (Coccia, 2020, p. 20).

Estamos aprendendo a duras penas que se o planeta não está bem, nós também não estaremos. Somos o corpo da Terra e não seus donos, como tão bem nos ensinam os povos originários.

Foi lendo o livro, de Kopenawa e Albert (2015), *A queda do céu*, que me deparei com a frase do xamã Yanomami quando diz: vocês deveriam “sonhar a terra, pois ela tem coração e respira” (Kopenawa; Albert; 2015, p. 468). Assim, me pus a sonhar a terra e a imaginá-la como esse ser gigante que respira e tem coração. Mas quais seriam as imagens pelas quais nós, humanos, poderíamos nos ver como parte da terra? O que surgiria da mistura entre o corpo humano e o corpo de outro ser vivo?

A partir dessas questões, criamos o projeto *Compossíveis: quando o ambiente vira corpo* que tratou da criação, estudo, registro em vídeo e divulgação de oito videoperformances feitas a partir da relação do corpo humano com o corpo de outro ser vivo, ou seja, qualquer ser que integre a natureza, inspirados na cosmovisão indígena, incluindo plantas, animais, vento, água, árvores, pedra, etc. Do estabelecimento dessa relação, propomos o apagamento das fronteiras que nos colocam como um eu que se opõe de forma excludente ao outro, e reverenciarmos um eu sistêmico, que só existe porque está em relação ao outro.

Compossíveis são figuras híbridas que revelam a simultaneidade de seres que aparentemente não seriam compatíveis. O corpo humano misturado com a água, com o tempo, com a sombra, com a larva, com o pássaro, com o vento, com a árvore e com a noite. Esses foram os elementos escolhidos pelos performers para criarem suas narrativas. A partir de gestos de transformação, de metamorfoses que nos convocam a atuar como partícipes de Gaia também de forma estética, foi possível compor e imaginar-se para além da nossa limitada percepção ocidentalizada e cartesiana sobre o mundo e so-

bre nós mesmos.

Esse movimento teve sobretudo uma intenção ética: cuidar do meio ambiente e considerar nossa constituição corpo-terra. Ao realizar as pesquisas corpóreas e estéticas junto à natureza e às performances na linguagem audiovisual com ampla divulgação junto aos meios digitais, o entrelaçamento de imagens e sensações provocadas pelas perguntas e objetivos de nosso projeto, permitiram que experimentássemos linguagens e mídias diferentes, o que resultou em uma diversidade de alcance de público e áreas do conhecimento.

A partir do Teatro, tal como nos propõe Jerzy Grotowski (2015, p.3), perseguimos a imagem do performer como “*pontífex*”, isto é, fazedor de pontes. O performer como um xamã, um elo de ligação entre diferentes mundos e tempos: o tempo presente do evento ou do acontecimento e o *illud tempus*, ou seja, o tempo do espírito, do mito, da fábula e da ficção. Nossa intenção foi fazer com que o público, através do trabalho desenvolvido pelos performers, se imaginasse também como parte da Terra. Misturando-se com outros seres e produzindo novas existências, os *Compossíveis* poderiam provocar, quem sabe, também outras consciências. Essa foi nossa forma de intensificar nosso desejo de vida, justamente quando ela se esvai. Como sujeitos éticos, nossa tarefa, no desenvolvimento desse projeto, foi dar nova luz àquilo que clamava por sobrevivência.

Em todas as ações nossa meta primeira foi criar uma experiência coletiva em prol do meio ambiente através do teatro. Para esse projeto direcionamos nossa experiência de modo a ampliar os estudos sobre a performance e a natureza, o exercício do corpo-memória e explorar os recursos da linguagem audiovisual. Paralelo a isso, desejávamos que esta pesquisa não só nos fortalecesse enquanto estudantes e professores de Teatro, mas que nos sensibilizasse enquanto indivíduos, para que pudéssemos nos inspirar mesmos e a

outras pessoas, a enfrentarmos o desafio dos nossos tempos.

Também foi nossa intenção colaborar com os objetivos treze e quinze, da Agenda 2030 da ONU, que tratam da “Ação Contra a Mudança Global do Clima”, ou seja, tomar medidas urgentes para combater a mudança do clima e seus impactos, sobretudo através da educação. Outro objetivo da agenda, que nos aproximamos, foi o que trata da “Vida Terrestre”, ou seja, proteger, recuperar e promover o uso sustentável dos ecossistemas terrestres, gerir de forma sustentável as florestas, combater a desertificação, deter e reverter a degradação da terra.

Foi nosso desejo praticar a transdisciplinaridade entre diferentes cursos e áreas da Uergs com nossos alunos e alunas. Isso se deu em uma perspectiva tanto teórica, visitando noções da filosofia, biologia, permacultura, teatro, música, artes visuais, cinema e audiovisual, quanto na prática, ao elaborarmos o conteúdo das performances, produzindo inteiramente a gravação e edição dos vídeos, figurino, música, cenários, etc. Outro de nossos objetivos foi estabelecer a parceria entre instituições – nesse caso entre Uergs e Teatret OM (Dinamarca), através de uma das colaboradoras de nosso projeto, a artista visual Antonella Diana, também cenógrafa e figurinista do grupo dinamarquês. Isso abriu novas possibilidades de intercâmbio e experiências com profissionais do Teatro não só do Brasil, mas também do exterior.

O projeto ocorreu entre agosto de 2021 e julho de 2022. Nos primeiros encontros, foram feitas leituras, estudos e debates coletivos sobre os conceitos e referenciais que ampararam a pesquisa. Depois houve algumas experimentações práticas em vídeo, tentando nos aproximar dos personagens/figuras, sempre com orientações online. Fizemos um estudo sobre procedimentos audiovisuais, entendendo programas e recursos de edição. Cada artista foi responsável pela sua videoperformance sempre com participação do coletivo, a cola-

boração dos outros professores e com minha direção. Aos poucos personagens e roteiro das videoperformances foram se compondo.

Em janeiro de 2022, fizemos uma imersão de três dias em um sítio em Maquiné, de onde vieram a maior parte dos registros e imagens junto à natureza. Ali também foi onde se produziu efetivamente a visualidade das figuras. Antonella ia recolhendo materiais descartados pela natureza, como folhas, galhos, cascas de árvore; e, com isso, íamos compondo as figuras, a partir de todo o universo imagético que cada performer já havia desenvolvido em seus processos de criação nos encontros em grupo.

A atmosfera e cenário da exuberante da Mata Atlântica da região de Maquiné afinou e aprofundou aspectos sutis, psicofísicos e corpóreos do trabalho dos performers, em sua conexão íntima com o ambiente. Muito do trabalho até então tinha sido feito apenas online, com muitos debates, experimentações também físicas, mas mediados pela tela. Quando chegamos na mata, já havíamos construído nosso substrato, nosso solo já estava povoado de seres, nutrientes, sementes. O fluxo de criação em relação com a natureza aconteceu de forma imediata. Foram três dias muito férteis para o trabalho. Assim surgiram diferentes seres em diálogo: a mulher que se faz vento; o homem-verme a decompor matéria orgânica e se insurgir coberto por preservativos; a mulher-árvore ganhando vida; o Ser D'água sugando os plásticos abandonados nos oceanos; a mulher-pássaro e ninho; a mulher-sombra e o homem-caracol em um tempo devorado.

Entre fevereiro e abril de 2022, as videoperformances foram finalizadas. E, em maio de 2022, foi realizada uma live no canal do curso Graduação em Teatro: Licenciatura da Uergs, no YouTube, com toda a equipe do projeto.²

As músicas das videoperformances contaram com a supervisão da professora colaboradora do curso de Música, Profa. Cristina Ber-

[2] Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XRmG_IBbD7o&t=748s>. Acesso em: 26 mar. 2023

toni, e do professor colaborador, também do curso de Música, Prof. Eduardo Pacheco fez a composição de uma música presente em uma das videoperformances. O egresso do curso de Música Henrique Pellin também participou, compondo outra das músicas da trilha. No meio aqui os performers que atuaram, todos e todas estudantes ou egressas do nosso curso: Eduardo D'Ávila (Uergs), Fernanda Stürmer (Uergs), Giliard Barbosa (Uergs), Luzia Ainhoren (Unicamp), Marina Müller (Uergs), Nathalia Barp (Uerj), Pâmela Fogaça (UFPel) e Rafaela Giacomelli (Uergs).

Coexistência

Além de todas as descobertas, experiências e tomadas de posição que esse projeto nos trouxe, realizamos um desdobramento muito importante para além dos resultados previstos: o convite ao grupo de pesquisa GESTA para participar no Festival Internacional UR-NAT na cidade de Ringkøbing, Dinamarca em agosto de 2022. O convite se deu através da Antonella Diana e do grupo parceiro Teatret OM. Criamos então “Coexistência”, uma performance instalação que aconteceu no imenso parque de pinheiros chamado Hoverdal. A performance foi planejada e desenvolvida paralelamente à execução do *Compossíveis*, a partir de suas reverberações e descobertas. Coexistência teve oito apresentações presenciais e foi inteiramente realizada pelo Gesta e pelo grupo parceiro.

Todos nossos esforços de pesquisa convergiram para a ideia de que a vida vem de um único conteúdo, o espírito de Gaia. Era Gaia que nos falava através da vacuidade dos performers, das imagens, sensações e memórias dos corpos. Foi no exercício de escutar Gaia e jogar com suas expressões, mudanças de rostos e de formas que sentimos na pele a metamorfose como condição de vida. Como diz Coccia: “É sempre Gaia que diz “eu” em nós. [...] O “eu” nunca é uma

função ou uma atividade meramente pessoal: é uma força telúrica.” Assim, nosso sentir foi endereçado ao público, tanto das videoperformances quanto da performance instalação *Coexistência*, na esperança que em coletivo, a ideia de um futuro ainda possível deixe de ser utopia e se transforme em um novo impulso para atuarmos de forma diferente no mundo.

Direcionando-me para o fim dessa parte da minha fala, para que possamos apreciar as videoperformances, quero trazer ainda uma imagem que me chega através das palavras de Eliane Brum (2021), jornalista e ativista gaúcha de Ijuí, que vivia em São Paulo e deixou o conforto de sua casa para se mudar para Altamira, no Pará, para que pudesse ficar mais perto de sua maior causa que é proteger a floresta Amazônica, o centro do mundo, como ela sabiamente coloca. Em seu último livro *Banzeiro Òkòtó*, tem um capítulo que se chama “A Amazônia é mulher”. Brum compara a imagem da Amazônia com a da mulher, como aquela que é constantemente violada e subjugada ao controle dos corpos, destruída e submetida pelos interesses abusivos e destrutivos da sociedade machista, patriarcal, capitalista.

Nesse mesmo livro ela fala também dos povos floresta, um conceito que ela inventa para dizer que é impossível cuidar da fauna e da flora da floresta sem cuidarmos também dos humanos que nela habitam, as comunidades indígenas e ribeirinhas que lá vivem. Ela também fala da importância das mulheres na luta pelas causas de proteção da floresta e de como elas hoje enfrentam com o próprio corpo e estão na linha de frente na guerra contra garimpeiros, madeireiros, políticos e grandes empresas.

Brum conta que (2021, p. 40) Maria Leusa Munduruku é uma delas: “[...] Em suas intervenções públicas, a líder Munduruku costuma se apresentar com um bebê chupando o seu peito ou apenas aconchegado nele, para dormir próximo ao coração da mãe. [...] Em 2019

seus inimigos colocaram um preço por sua cabeça: 100 gramas de ouro.” Diz Brum (2021) que para Maria Leusa não há nenhuma incompatibilidade em amamentar seu bebê e ao mesmo tempo ameaçar cortar cabeças, já que é o mesmo amor que anima as duas ações. Essas imagens, da buva e da líder indígena que vai para linha de frente protestar e lutar por seus direitos, são um forte símbolo de como podemos esperar hoje.

E se “esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo” (Freire, 1992, s. p.), que possamos continuar a ter esperança, com a coragem de Maria Leusa, a persistência da buva e, nesse caso, com o povo da UFPel, lutando para preservar a vida, com nossos trabalhos e eventos como esse. Logo abaixo, deixo algumas imagens dos dois trabalhos, o Compossíveis e o Coexistência.

Quero agradecer a oportunidade de estar conversando aqui com vocês no *VII Simpósio Internacional de gênero, arte e memória* que muito nos alegra nessa parceria de luta e resistência. Gostaria de agradecer a querida professora Rosângela Fachel pelo convite em participar desse evento; agradecer Pam Fogaça, ex-alune da Uergs e hoje colega de criação e pesquisa que me colocou em contato com o “Caixa de Pandora”. Agradeço a toda organização dessa edição do Seminário, nos nomes das queridas professoras Ursula Rosa da Silva e Nádía da Cruz Senna.



Figura 1 - Cena da videoperformance *Ninho*, captada em Maquiné, em janeiro de 2022. Performer: Pam Fogaça. Fonte: Acervo da equipe.



Figura 2 – Cena da videoperformance “*Ser D’água*”, captada em Maquiné, em janeiro de 2022. Performer: Nathalia Barp. Fonte: Acervo da equipe.



Figura 3 - Cena da performance instalação *Coexistence*, agosto de 2022, na Dinamarca. Foto: Acervo pessoal de Francesco Galli



Figura 4 - Cena da performance instalação *Coexistence*, agosto de 2022, na Dinamarca. Fonte: Acervo pessoal de Francesco Galli

REFERÊNCIAS

BRUM, Eliane. **Banzeiro Òkòtó**: uma viagem à Amazônia, centro do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

COCCIA, Emanuele. **Metamorfoses**. Rio de Janeiro: Dantes Editora, 2020.

DANOWSKI, Déborah; CASTRO, Eduardo Viveiros de. **Há um mundo por vir?** Ensaio sobre os medos e os fins. Florianópolis: Desterro – Cultura e Barbárie, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

GROTOWSKI, Jerzy. Performer. **Revista Performatus**, Inhumas, ano 3, n.14, jul. 2015.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu**: palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LAPOUJADE, David. **As existências mínimas**. São Paulo: N-1 Edições, 2017.

LOVELOCK, James. **Gaia**: um novo olhar sobre a vida na Terra. Lisboa: Edições 70, 2020.

NIETZSCHE, Friedrich. **A Gaia Ciência**. 3. Ed. São Paulo: Editora Escala, 2006.

PELBART, Peter Pál. Biopolítica. **Sala Preta**, v. 7, p. 57-66, 28 nov. 2007.